

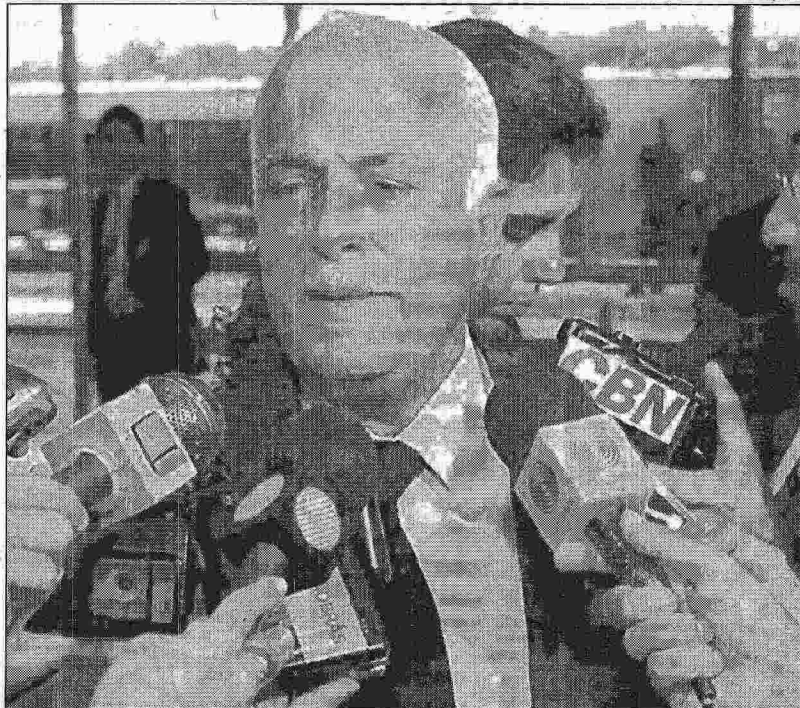
Crise mundial provoca uma guerra entre aliados

Criticado por se intrometer em assuntos da área econômica, ACM desqualifica chefe da Casa Civil: 'Ele não manda nada'

• BRASÍLIA. A discussão sobre a política econômica diante da crise mundial abriu uma verdadeira guerra entre auxiliares e aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso. O tiroteio teve como protagonistas ontem o ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho e o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Clóvis disse que o senador e o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, não deveriam falar de economia porque não fazem parte da equipe econômica do Governo, que é quem estabelece e executa as medidas. Na véspera, Antônio Carlos criticara a "falta de habilidade política" de Mendonça de Barros, que defendera mudanças na política econômica — semelhantes às sugeridas pela oposição — para que o país se tornasse menos dependente dos investimentos externos. Ao saber das afirmações de Clóvis, Antônio Carlos o chamou de burocrata e incompetente.

— Não me consta que o senador Antônio Carlos Magalhães seja da área econômica, muito menos o ministro Mendonça de Barros. Se existe gente que está enxergando a questão de forma diferente, tudo bem. Não é certamente da área econômica, a quem o presidente delegou a responsabilidade de pensar e conduzir a política econômica do país — disse Clóvis Carvalho.

Já Antônio Carlos, ao saber das afirmações de Clóvis, reagiu. Disse que o ministro da Casa Civil



Arquivo

ACM: "Eu sou presidente de um poder, posso falar sobre qualquer assunto"

"não tem autoridade moral nem política para opinar sobre qualquer assunto". A dura declaração do senador foi em resposta às críticas que recebeu por opinar sobre assuntos da área econômica.

— O senhor Clóvis Carvalho é um burocrata que nunca demonstrou competência para nada. Ele está onde está só porque é amigo do presidente da República e só fala o que fala pois dão ousadia a ele. Na Villares (empresa onde Clóvis trabalhou antes de ir para o Governo) ele não falava com tanta força. Lá ele era o terceiro na hierarquia — disse o senador baiano.

Antônio Carlos disse ainda que, como presidente do Senado, pode dar declarações na hora em que quiser:

— Eu sou presidente de um poder, posso falar sobre qualquer assunto. Ele é que não pode. É um burocrata que pensa que manda e não manda nada. Já fui chefe dele, por alguns dias, quando assumi a Presidência da República, e vi que ele não tem autoridade para falar sobre nada.

Clóvis nega que haja divergências no Governo

O ministro da Casa Civil disse que as divergências entre Men-



Arquivo

CLÓVIS: "Não me consta que o senador ACM seja da área econômica"

donça de Barros e Antônio Carlos não estão influenciando os rumos da economia e que o Governo não vai mexer na política atual. Clóvis negou que haja divergências no Governo e assinalou que as críticas de Mendonça de Barros não são antagônicas ao que o Governo já está fazendo.

Indagado sobre divergências entre Mendonça de Barros e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, Clóvis Carvalho respondeu:

— Isso é fofoca da imprensa. Como duas pessoas minimamente inteligentes, eles podem conversar e ter visões diferentes. Enquanto o ministro Mendonça de

Barros diz que é preciso evitar as importações predatórias, nós sempre dissemos isso. Falar sobre as importações predatórias não significa dizer que é preciso mudar tudo.

Ministro admite revisão de meta de crescimento

Nos últimos dias Clóvis vem respondendo às críticas da oposição, o que habitualmente não faz. Ontem, além de acusar a oposição de falar bobagem e de torcer pelo pior, admitiu que o Governo poderá rever a meta de crescimento do PIB de 4% prevista na proposta de Orçamento da União

para 99 enviada ao Congresso. O ministro admitiu que, se a proposta fosse elaborada hoje, depois que estourou a crise, a equipe estaria pensando em outra meta de crescimento.

— É claro que com a rigidez do processo de planejamento orçamentário e a complexidade que as oscilações efetivas que acontecem no ano são impostas, nós temos que rever as metas. Hoje, o número 4% do PIB parece grande. Se fizéssemos a proposta hoje, seria outro número. Mas duvido que haja qualquer um de nós possa dizer qual seria — disse o ministro.